

**A paratopia criadora de Jane Austen: discurso feminista ou leitura feminista?**

Amanda Chieregatti

**Resumo:** Partindo da Análise do Discurso de tradição francesa, e com base nos estudos sobre *paratopia criadora* formulados por Dominique Maingueneau (2006, 2012), pretendemos estudar os traços do que é referido como discurso feminista presente na obra da aclamada escritora inglesa, Jane Austen. Focalizaremos neste estudo três títulos: “*Razão e Sensibilidade*” (1811), “*Orgulho e Preconceito*” (1813) e “*Persuasão*” (1818). Para tanto, será necessário ter em vista o contexto social e histórico da Inglaterra do século XIX, que abrange a chamada *primeira onda feminista*, que lidou prioritariamente com o direito de voto das mulheres e os direitos trabalhistas e educacionais que se delineavam como uma necessidade durante a Revolução Industrial. Nessa conjuntura emerge a obra de Austen, que procuramos abordar na perspectiva de um discurso literário considerado feminista e, mais além, crítico à sociedade do período em que se insere.

A autora, que publicou sob pseudônimo, é aclamada ainda hoje pela descrição que faz da sociedade rural inglesa de sua época e pela força de sua narrativa, destacando o que podemos chamar de “identidade feminina” por meio da criação de personalidades obstinadas, independentes e ousadas. Sua narrativa, mesmo girando em torno do cotidiano rural burguês e abordando questões como o matrimônio, continua tão atual quanto esteve há dois séculos. Interessa-nos, aqui, entender o funcionamento das três instâncias apontadas por Dominique Maingueneau como constitutivas da autoria: *escritor, inscritor e pessoa*.